

17. A promessa de Alguém

“Todas as coisas me foram dadas por meu Pai” (Mt 11, 27).

“Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu” (Jo 17, 10).

É essa postura de Jesus que deveria ter vivido desde sempre o irmão mais velho da parábola do pai misericordioso de Lucas 15: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu” (Lc 15, 31). Há mais riqueza em esperar tudo do Pai, certos do seu amor, do que em consumir todas as coisas: os bens, as relações, a liberdade. O filho mais velho era chamado à virgindade no possuir cada coisa, não segurando-a em suas mãos ou consumindo-a para si e seus amigos, mas cultivando a consciência de que tinha tudo em comum com um pai bom e generoso.

Também nós somos chamados a possuir tudo em comunhão com Deus, e não partindo para longe Dele com nossa herança encerrada em nossa bolsa. O filho mais novo, partindo com toda sua herança no bolso, separou da comunhão com o pai a sua liberdade, os seus bens e a capacidade de amar do seu coração. E isso faz com que tudo então se esgote, porque não é mais alimentado por aquele que nos gera, que gera nossa liberdade, o uso das coisas e nossa vida afetiva. É como alguém que parte levando consigo uma grande reserva de água, mas se afasta da nascente e, mais cedo ou mais tarde, a reserva se esgota e, longe da fonte, ele não pode mais restabelecê-la.

O filho mais velho tinha ficado com o pai, mas tinha a impressão de que o pai fosse alguém que mantinha tudo para si, sem dar nada aos filhos. Ele nunca havia reparado que a comunhão com o pai era, ao invés, para ele como um permanecer conectado à fonte, porque tudo aquilo que o pai possuía lhe era continuamente dado. Quanto mais ele deixava ao pai a gestão dos seus bens, mais eles eram seus, mais ele podia desfrutá-los.

Os votos nos educam a exercitar essa particular posse da nossa liberdade, da nossa afetividade e dos bens que nos são dados. É uma posse sem possuir. Mas somente vivendo na esperança que aguarda sempre tudo do Pai nosso que está nos Céus é que podemos viver os votos com essa consciência e experiência. E somente assim, viver os votos, viver a virgindade, a obediência e a pobreza, torna-se um testemunho para todos, propõe uma posse nova da liberdade, dos bens e dos afetos possíveis a todos. Não se dá testemunho apenas de um modo de viver, mas da vida de Cristo que o Espírito quer dar a todos.

O espaço de esperança que nossos votos implicam baseia-se no fato de que Deus não nos promete algo, mas Alguém. Pois aquele que espera realmente, como diz por exemplo o Salmo 19, não espera em carros e em cavalos, mas em Deus: “E agora estou certo de que Deus dará a vitória, que o Senhor há de dar a vitória a seu Ungido; que haverá de atendê-lo do excelso santuário, pela força e poder de sua mão vitoriosa. Uns confiam nos carros e outros nos cavalos; nós, porém, somos fortes no nome do Senhor” (Sl 19, 7-8).

Também na parábola do filho pródigo, o pai, antes de assegurar ao irmão mais velho a comunhão de bens entre eles, lembra-lhe que é antes de tudo a sua presença paterna que lhe é dada desde sempre e para sempre: “Filho, tu estás sempre comigo” (Lc 15, 31).

No momento de deixar seus discípulos para subir ao céu, também Jesus promete Alguém em vez de algo. Promete o Espírito Santo, um “outro Consolador” (cf. Jo 14, 16-17); mas também promete uma presença ainda mais extraordinária e constante de si mesmo: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20).

No fundo, Cristo promete essencialmente o cumprimento do seu mistério preanunciado pelos profetas e anunciado a Maria e José: o “Deus conosco”, o Emanuel. “Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta: Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel, que significa: Deus conosco” (Mt 1, 22-23).

Todos os discípulos de Jesus são, então, chamados a esperar em uma Presença já dada, ou seja, são chamados a reconhecê-la e a testemunhá-la. Cristo é o que esperamos. A esperança está na Igreja que espera Nele, que vive na esperança da sua salvação. Na *Salve Regina*, saudamos a Mãe de Deus com os títulos “*vita, dulcedo et spes nostra*” – “vida, doçura e esperança nossa”. Maria não é tanto o objeto da nossa esperança, mas a nossa esperança vivida com perfeição. Maria encarna a esperança certa e perfeita da Igreja. Em nenhuma criatura humana a esperança é vivida com tal pureza e intensidade. Podemos dizer que, durante o Sábado Santo, a Virgem era apenas esperança, apenas expectativa daquilo que sua fé cria, apenas esperança na Ressurreição, na vida do Filho. Maria vivia por nós toda a esperança na Ressurreição.

Mas Maria é imagem e prefiguração da Igreja. A esperança cristã é uma esperança eclesial, como a fé. É isso o que a Igreja espera, isso o que a Igreja aguarda, sobre o fundamento da fé em Cristo morto e ressuscitado para salvar o mundo.

Por isso, é importante aprofundar como nossas comunidades são chamadas a cultivar e viver essa esperança. Como o viver na comunidade cristã deva encarnar e exprimir a esperança e nos fazer caminhar nela.